

## O PERFIL DO ELEITOR

## Indeciso

A ELEIÇÃO PARA O GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL ESTÁ NAS MÃOS DOS INDECISOS. ESSE CONTINGENTE DE ELEITORES, CURIOSAMENTE, COMEÇA A CRESCER NAS PESQUISAS ESTIMULADAS DE VOTO À MEDIDA QUE A CAMPANHA ESQUENTA E APROXIMA-SE A DATA DA ELEIÇÃO. SE A DEZ MESES DAS ELEIÇÕES UM ELEITOR CHEGOU A CRAVAR O VOTO NUM DETERMINADO CANDIDATO, ELE PODERÁ NÃO TER MAIS TANTA CERTEZA A PARTIR DO MOMENTO EM QUE AS CAMPANHAS GANHAM AS RUAS. JÁ NA PESQUISA ESPONTÂNEA, ACONTECE O CONTRÁRIO. DIMINUI O NÚMERO DE INDECISOS, POIS QUANDO O ELEITOR MENCIONA UM NOME SEM NENHUMA ESTIMULAÇÃO, É PORQUE JÁ SE DEFINIU. A MAIOR PARTE DOS INDECISOS HESITA ENTRE DOIS DOS TRÊS NOMES QUE DISPUTAM O GDF.

Fotos: Anderson Schneider



Maria Luiza: “Desde que me conheço como eleitora, sempre fico indecisa e deixo para a última hora. Normalmente, vou eliminando os candidatos por exclusão até restar um”

## Maria Luiza elimina um de cada vez

Ser coerente, convincente e confiável. Esse é o perfil que a economista aposentada do Banco Central Maria Luiza Machado Pereira, 49 anos, traça do político ideal para governar Brasília. Um modelo que ainda não vestiu bem nenhum dos três candidatos declarados.

José Roberto Arruda (PSDB) é do seu partido preferido, mas, segundo ela, o discurso não convence. Cristovam Buarque (PT) poderia ser um bom nome, mas tem o PT — um partido que não consegue se entender internamente — nos seus calcanhares. E Joaquim Roriz carrega o peso de ter distribuído lotes indiscriminadamente, uma política populista que não agrada a Maria Luiza.

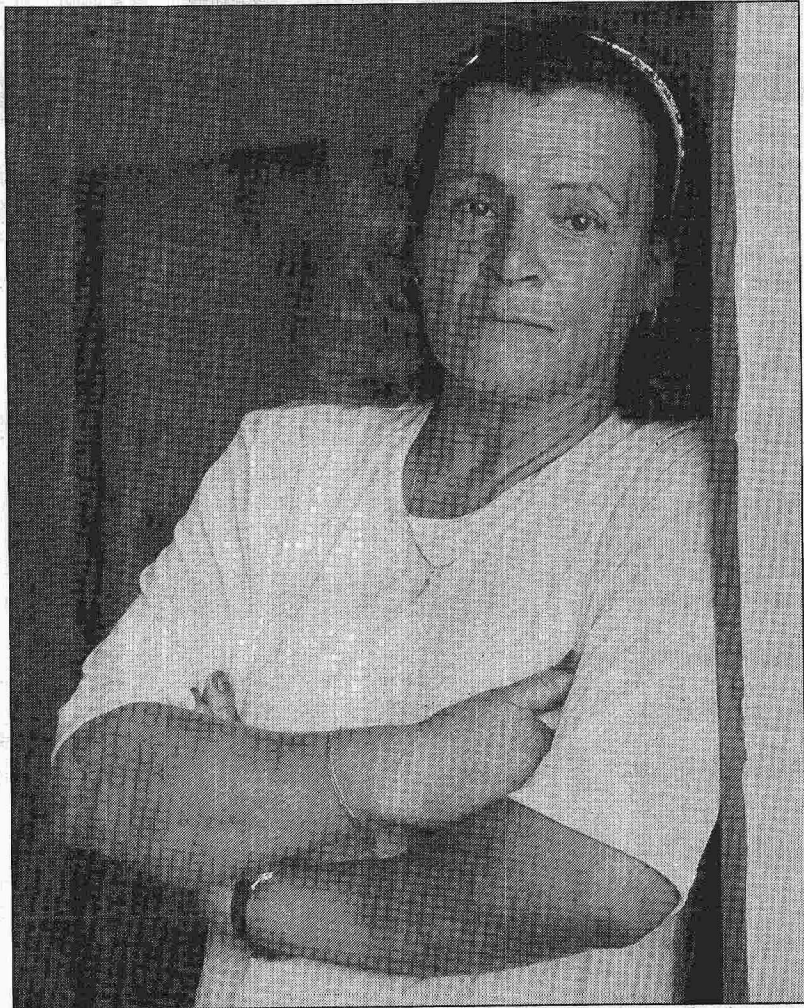
“Normalmente, não tenho inclinação por candidatos, mas pelas idéias, pela filosofia. Por enquanto, nenhum dos candidatos me convenceu”, diz. Mas isso não é novidade para ela. Paulista, mãe de três filhas já criadas,

Maria Luiza sempre demorou a escolher o candidato ideal.

“Desde que me conheço como eleitora, sempre fico indecisa e deixo para a última hora. Normalmente, vou eliminando os candidatos por exclusão”, revela.

Maria Luiza disse que nunca se arrependeu de ter votado neste ou naquele candidato. E explica: “Nunca nenhum dos meus candidatos a governador venceu a eleição”.

Casada com um engenheiro da Telebrás, dona de uma renda mensal bruta (individual) de R\$ 6 mil, Maria Luiza agora ocupa parte do seu tempo fazendo traduções e revisão de textos. Depois de 15 anos morando num apartamento de três quartos de 302 Sul, ela acha que Brasília tem hoje dois problemas crônicos que os candidatos devem atacar: o trânsito e a violência. “Quando cheguei aqui, era uma maravilha. Hoje, tem engarrafamento para todo lado”, reclama. (CG)



Helena só tem a certeza de que não votará em branco nem anulará o voto

## Helena pede ajuda à mulher carente

Dois meses sem salário foram suficientes para a professora Helena Clara da Silva Pedro, 45 anos, se decepcionar com o candidato Cristovam Buarque. “O governador assumiu dizendo que a educação era prioridade, mas acho mesmo que existe descaso, sobretudo com as mulheres”, explica.

A suspensão de um convênio da Fundação Educacional com a Federação das Mulheres, que sustentava o projeto de alfabetização para mulheres carentes em que Helena lecionava, foi um dos motivos que a levou à indecisão nas eleições de outubro. “Cristovam quer mostrar que a educação funciona lá fora, mas aqui dentro não tem esse compromisso. É mais imagem”, reclama Helena.

De uma forma geral, a moradora

do setor M Norte de Taguatinga revela insatisfação não só com Cristovam, mas com todos os candidatos.

“Existe muito descaso com a mulher. Agora, eu vou votar naquele que tiver mais compromisso com a mulher, principalmente a carente, que ainda é muito discriminada e não consegue emprego”, diz, sem esconder uma certa preferência pelo PMDB, partido do ex-governador Joaquim Roriz. “Ele tem mais compromisso com os pobres.”

Sem os R\$ 600 mensais que recebia por três turnos de trabalho, Helena vive da renda do marido, de R\$ 2,7 mil, aposentado do Corpo de Bombeiros. É com ele que de vez em quando ela trava uma batalha em frente à televisão.

“Ele muda de canal na hora do horário político, mas eu quero saber as propostas deles. Acho que vou votar naquele que prometer fazer menos, porque com certeza é ele quem vai fazer mais”, diz Helena, que procura passar sua consciência política para os quatro filhos.

Votar em branco ou nulo nem pensar. “Isso é analfabetismo político. Mesmo votando errado, é melhor votar em alguém”, declara a professora. (CG)

## Antonio espera propostas concretas

Na última eleição, ele votou no candidato que o ex-governador Joaquim Roriz (PMDB) apoiava, o então senador Valmir Campelo. Mas neste ano, o funcionário aposentado do Banco Central Antonio Carlos Lopes, 53 anos, ainda não definiu o voto. Só tem certeza de uma coisa: o candidato Joaquim Roriz está descartado.

“Não voto no Roriz. A vez dele já passou”, diz o cearense de Independência, uma cidadezinha de 30 mil habitantes. “Muita coisa que ele fez não foi legal, como a doação de lotes. A política dos assentamentos foi, administrativamente, um desastre.”

Por motivos diferentes, os quase quatro anos do governo petista ainda não o convencem a votar no governador Cristovam Buarque. “Cometeram várias falhas para um partido que se diz ético”, critica. Como exemplos, cita o financiamento de campanha por empreiteiras e a derrubada de casas. “Essa medida, então, foi uma ilegalidade completa, uma violência absurda”, avalia.

O pai de quatro filhos jovens e morador de Brasília há 25 anos ainda faz críticas à própria filosofia de trabalho do governo do PT. “Perdem tempo demais em discussões inconclusivas. Gastaram dois anos para decidir que era a hora de começar a trabalhar.”

Mas as reservas em relação aos petistas não bastam para fazer Antônio Carlos rejeitar Cristovam Buarque inteiramente. Por isso, o ex-chefe da consultoria no Departamento de Fiscalização do Banco Central vai esperar os programas de trabalho do governador e de José Roberto Arruda (PSDB). “Vai depender do que cada um vai apresentar. É preciso ver a viabilidade, se não estão propondo coisas mirabolantes”, justifica. (RA)

## Marcus não vota em Joaquim Roriz

A violência estampada nos jornais ainda não assusta o gerente de vendas Marcus Edrisse Pessoa Pinheiro, 29 anos. Para ele, a qualidade de vida em Brasília ainda está bem acima da média nacional. “É uma excelente cidade para se morar”, diz ele. Mas se espanta com o índice de desemprego e com a falta de infra-estrutura de quem mora nas cidades mais pobres do Distrito Federal, como Santa Maria e Recanto das Emas. As soluções apontadas para esses problemas ajudarão a definir seu voto para governador nas próximas eleições.

Programas como a Bolsa-Escola e Saúde em Casa são pontos a favor de Cristovam Buarque, mas ele também avalia com carinho a candidatura de José Roberto Arruda.

Apesar de elogiar a atuação de Cristovam em programas sociais, Marcus tem críticas ao atual governador. “Ele ainda é refém da ideologia do PT e nos quatro anos

de governo não conseguiu se livrar disso”. O único que não acumula sequer um ponto favorável na avaliação do gerente de vendas é Joaquim Roriz. Contra ele, Marcus não poupa munição: “É demagogo, populista e sem nenhum projeto sólido de governo”.

Nascido em Porto Velho (RO) e morador de Brasília desde os 14 anos, Marcus vive num apartamento de três quartos no Setor Sudoeste com a mulher, a publicitária Renata Sánchez Pinheiro, 27 anos, e o filho João Vitor, de oito meses.

A moradia é própria — fruto de um financiamento que somente se encerra em 2005 — e a renda familiar gira em torno de R\$ 8 mil, dinheiro que vem de seu emprego na empresa multinacional de informática Oracle do Brasil e do trabalho de Renata na agência de publicidade Salles DMB & B. Renata já definiu seu voto em Cristovam. (AD)